

Compreende-se que Halík introduza nas suas reflexões algumas figuras bíblicas e históricas, como Job, Zaqueu, Paulo de Tarso ou Nietzsche, cada uma das quais pode configurar um tipo de atitude a compreender na linha de fundo do pensamento que anima todo o seu texto. É dos Zaqueus de hoje, na pluralidade e diversidade das suas formas, que ele se ocupa e que considera dever ser a grande preocupação dos pastores. Compreende-se também que procure meter-se na pele dos que nos parecem andar longe de Deus, para nos dar a sua perspectiva sobre muitas coisas que se passam no interior da Igreja ou das Igrejas e que são para aqueles, razoavelmente, mais pedra de escândalo e motivo de afastamento do Deus que lhes chega ao conhecimento através de atitudes, situações e orientações que, afinal, não são as do genuíno Evangelho de Jesus.

Halík insiste na ideia de que Deus, o Deus vivo e verdadeiro, não é só – ou nem é necessariamente – o «nosso» Deus. É preciso deixar que ele seja também o Deus dos outros (p. 85). E insiste, sobretudo, na ideia de que Deus não é algo em posse, à medida dos nossos conceitos e preconceitos: «Deus está na nossa oração, no nosso desejo, na nossa procura, nos nossos questionamentos» (p. 84). Ele é sobretudo objecto de procura. E é por isso que muitos que não são aparentemente «dos seus», na verdade podem estar mais próximos dele do que os que pensam estar em sua posse. Sejam os que se atrevem, timidamente, a falar, como era o caso de Václav Havel (Vd. p. 97), de «uma qualquer coisa acima de nós» (sem nomear Deus), sejam os que laboram simplesmente no caminho da procura.

Repito o adjectivo atrás utilizado: este é um livro apaixonante, e muito útil para quantos se dedicam à pastoral, num esforço de nova evangelização, sobretudo nesta Europa onde a crença parece estar desa-

parecendo quase por completo, mas onde também há muitos Zaqueus, inquietos e sedentos de ver passar Jesus e que bem poderiam (ou poderão mesmo) acolhê-lo em sua casa. Uma pastoral assim será uma pastoral que tem em conta, como sugere o título, a paciência em face do encontrar ou reencontrar Deus ou o saber dar tempo à eternidade.

JORGE COUTINHO

DAL TOSO, Paola, **Papa Francisco y las familias**, San Pablo ([www.sanpablo.es](http://www.sanpablo.es)), Madrid, 2014, 124 p., 200 x 130, ISBN 978-84-285-4391-0.

A família tem sido um dos temas predilectos do simpático e exemplar Papa Francisco, neste seu primeiro ano de exercício pastoral. Consciente que está da grave crise por que está passando esta instituição de instituição divina, neste tempo em que «Deus morreu» e os homens se arrogam o direito de fazerem e desfazerem segundo os seus caprichos tudo quanto diz respeito à norma dos seus comportamentos, o Papa vem aludindo a ela, de momento não de forma sistemática, mas com significativa insistência.

O presente livro de Paola dal Toso — pedagoga, periodista e professora universitária — colige, de forma organizada, um conjunto destes ensinamentos papais produzidos em homilias, mensagens e intervenções várias. Aí o leitor pode recolher aspectos de grande interesse para seu próprio proveito e para difundir no seu apostolado, tais como: a família como fundamento da convivência humana e como necessidade para a sobrevivência da humanidade; a família como lugar de crescimento; o matrimónio, hoje tão problematizado; a relação filial com os pais; os filhos e o cuidado que

é preciso dedicar-lhes; a figura dos avós e a sabedoria dos anciãos; num contexto de divórcios fáceis e frequentes, a necessidade de uma cultura do encontro contra a cultura do descarte; a problemática da educação; a importância de «sonhar grandes coisas», do não ter medo do sacrifício e de ir contra a corrente quando nos propõem valores pervertidos; as figuras modelares de S. José e de Maria; mas também a de Deus Pai misericordioso; a paternidade e a maternidade espirituais daqueles que, por vocação, renunciam a formar uma família normal, para uma fecundidade de ordem não material; enfim, a Igreja como grande família de Jesus e o mundo inteiro como grande família de Deus.

Em tudo isso, transparece a linguagem simples, ela mesma familiar, que já é bem conhecida como uma das marcas de nosso Papa Francisco.

LUÍS SALGADO

## FILOSOFIA

GIRE, Pierre, **Penser l'expression religieuse**, Desclée de Brouwer, Paris, 2014, 452 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06573-1.

A expressão religiosa, em sua preocupação de, quanto ao ser humano finito é possível, dizer o Infinito, atravessa os tempos e as culturas como constante da humana experiência existencial com a Transcendência. A busca das razões da razão para esta experiência e sua expressão nas linguagens humanas é objecto da filosofia da religião.

Mons. Pierre Gire – doutor de Estado em filosofia, director da Investigação e professor na Faculdade de Filosofia da Universidade de Lyon – colige neste volumoso

livro um conjunto de estudos elaborados em diferentes ocasiões em obediência a solicitações diversas, com a preocupação de os ordenar tematicamente o melhor que considerou possível. Agrupou-os assim em três conjuntos, que constituem outras tantas partes do livro.

Na primeira parte – «Filosofia da religião e questão de Deus» – insere estudos que têm a ver com a questão de Deus assumida em perspectiva crítica, apoiando-se na experiência humana, interrogando-se sobre a possibilidade e o significado da relação com o Absoluto na existência dos homens. Aí encontramos títulos e temas como o espanto, epistemologia da metafísica, o desejo e o sagrado na experiência humana, fenomenologia do sagrado, a nomeação de Deus, filosofia e pluralidade religiosa, imagem e transcendência (a representação do Outro), a via negativa (de Platão a Mestre Eckhart), pensar a meditação.

A segunda parte – «Filosofia da religião e história da filosofia» – reúne estudos de filosofia da religião aplicada à história da filosofia, considerando o cristianismo como tradução privilegiada na posição da inteligência filosófica face à mesma história da filosofia. Entram aí temas como a filosofia perante Cristo, a salvação pela conversão em Plotino, o Cristo de Mestre Eckhart, Espinoza e a ideia de Cristo, Bergson e o facto religioso cristão, o excesso da vida sobre a sua representação científica (perspectiva filosófica de Michel Henry), cristianismo e neoplatonismo em S. Breton, o Cristo de S. Breton.

A terceira parte – «Filosofia da religião e cristianismo» – apresenta análises filosóficas sobre aspectos vários do cristianismo, uma religião que constitui um sério património humano que dá que pensar à filosofia. Temas versados: o monoteísmo e a sua relação com a verdade, o dogma como linguagem normativa, cristianismo e destino da criação, cristianismo